

Times New Roman: O tipo que ganhou o mundo

Agnaldo Almeida

colunadeagnaldo@uol.com.br

Quando entrei no jornalismo em 1970, época em que não havia internet, celular e informação on line, reinava o jornal impresso. As notícias saíam quentinhas nas manhãs de todos os dias. Afora o “furo” e a “barriga”, que ainda eram possíveis, os jornais daquele tempo se diferenciavam, uns dos outros, pelo conteúdo e, sobretudo, pela forma como apresentavam as suas notícias.

Desenhar bem um jornal e diagramar a sua primeira página com técnica e emoção era o máximo. Como ainda hoje ocorre, escolhia-se a melhor foto, a manchete mais chamativa e... o tipo gráfico mais apropriado para apresentar as novidades do dia.

Hoje, só os designers, sucessores dos diagramadores, se preocupam com tipos, corpos, fontes e desenhos das manchetes que serão apresentadas no dia seguinte. Naquela época era diferente. Repórteres, editores, copy-desks e revisores se espremiavam em torno da mesa de diagramação para opinar. E quanto ao tipo gráfico das manchetes não tinham dúvidas: “Bota no Bodoni” – mandavam todos.

A fonte Bodoni fora desenhada por Giambattista Bodoni, tipógrafo italiano conhecido como o Rei dos Tipógrafos e foi criada em 1798. Era fonte de uso geral, formas elegantes e impactantes. Os jornais brasileiros – e os paraibanos também – se rendiam aos seus encantos. Em Parma, cidade natal do tipógrafo, foi até criado um museu com seu nome.

Durante muito tempo foi considerada a mais “clássica” e pomposa letra de sempre – o excepcional desenho do mestre tipógrafo italiano. Os tipos Bodoni foram o resultado de 250 anos de evolução no design do tipo romano: linhas finas e subtis contrastam fortemente com hastes mais pesadas.

Mas o tempo passa, as mudanças chegam e o Bodoni saiu de tempo. Hoje as festas todas são para a Times New Roman, fonte que é considerada o maior fenômeno tipográfico do século XX. Tanto que na edição de sábado retrasado, em seu caderno Verso e Prosa, o jornal O Globo lhe dedicou duas páginas, chamando-a de “letra revolucionária”.

Como revela o jornal, a fonte foi criada em 1932 para o jornal “The Times”, de Londres, e difundiu-se pelo mundo na imprensa, na publicidade, em livros e sistemas de computação, tornando-se uma marca icônica na indústria gráfica.

Ainda de acordo com O Globo, A história da Times New Roman começa em 1929, quando Stanley Morison, que era consultor de uma empresa tipográfica, escreveu um artigo criticando duramente os executivos do “The Times” pelo fato de o jornal ser mal impresso e tipograficamente antiquado. Os dirigentes ficaram perplexos com a ousadia de Morison, mas acabaram convidando-o para comandar uma reforma gráfica no jornal, que àquela época tinha quase 150 anos.

O resultado foi uma fonte muito parecida com a Plantin, uma letra do século XVI, mas as serifas da Times New Roman são mais afiladas e o contraste entre os traços é maior, tornando-a espacialmente econômica e acima de tudo mais legível em corpos pequenos. A sua estreia se deu na edição de 3 de outubro de 1932 e causou, pela sua alta legibilidade, grande impacto favorável nos seus leitores de tradição conservadora. Entre os editores do jornal, a reação foi a mesma.

Nem Morison esperava por sucesso tão estrondoso. Ele achava que a letra só serviria para

jornal e excepcionalmente para livros. O que se viu, no entanto, foi um boom extraordinário de usos; a Times New Roman passou a ser usada em revistas, em dicionários, na publicidade e em todas as mídias que se valem da tipografia.

Entre as centenas de jornais que adotaram a Times, já na fase de fotocomposição, estão o “El País”, de Madri, “La Vanguardia”, de Barcelona e “La Repubblica”, de Roma. No Brasil, “O Estado de S. Paulo” e o “Jornal do Brasil” foram impressos com a Times por muitos anos.

Se a minha sugestão ao amigo Maradona, nosso diagramador, valeu, este texto foi composto na fonte de longa vida: a Times New Roman.

A União. João Pessoa, 20 de janeiro de 2013, Almanaque, p.26.